

Economia Brasil

Desemprego: com crescimento tem solução

O GLOBO
09 AGO 1998

ALBERTO FURUGUEM

Por tudo o que vem acontecendo desde o início desta década, tenho andado bastante otimista quanto ao futuro do Brasil.

Estou convencido de que meus filhos, que cursam universidade, irão conviver nos próximos anos com os benefícios de uma economia em franco desenvolvimento.

Os problemas que precisam ser equacionados (desemprego, déficit público, déficit externo, reforma do Estado, reforma política, reforma tributária, reforma da previdência etc.) são conhecidos e já foram objetos de profundos estudos e amplos debates. Em algumas áreas já avançamos bastante, como no caso da privatização, da abertura externa e da estabilização dos preços.

O que falta fazer? Apenas perseguir os objetivos já conhecidos.

Por isso, ultimamente, tenho dedicado algum tempo para chamar atenção para o óbvio. É que o óbvio, mesmo que ululante, como diria Nelson Rodrigues,

nem sempre é percebido.

Em artigo publicado neste jornal, no dia 12/07/98, procurei chamar atenção para o fato de que o crescimento da economia pode ajudar decisivamente no combate ao déficit público, que por sua vez será fundamental para impedir a volta da inflação.

Agora, procuro lembrar algo ainda mais óbvio! O desemprego se combate com crescimento.

Dados do Fundo Monetário International mostram que a taxa média de desemprego nos países desenvolvidos tem-se reduzido nos últimos cinco anos, como reflexo de um período favorável de expansão econômica.

Nos Estados Unidos, a taxa de desemprego caiu de 7,2% em 1992 para cerca de 4,5% este ano. Na Grã-Bretanha, a taxa de desemprego despencou de 10,3% em 1993 para menos de 6% em 1997 e deverá ficar abaixo de 5% este ano.

No Canadá, a redução da taxa de desemprego nos últimos anos também foi significativa.

No Japão, um país em crise, a taxa de

desemprego, embora reduzida na comparação internacional, tem crescido, saindo de 2,5% em 1993 para 3,5% este ano.

Existem situações especiais como a da Alemanha, em que os resultados nessa área são insatisfatórios apesar do crescimento. Os problemas derivados da unificação (inadequação de mão-de-obra) explicam, em parte, a situação.

Mas qual seria a taxa de desemprego, se além dos problemas estruturais a economia alemã ainda tivesse apresentado crescimento insatisfatório?

No caso do Brasil, também, a comparação da taxa de desemprego com o ritmo de crescimento do PIB deixa claro que a melhor solução para aquele problema social é a expansão da atividade econômica.

Nos últimos anos da década de 60 e nos primeiros da década de 70 a economia cresceu em ritmo acelerado. Era bem

mais fácil encontrar emprego e os salários reais em geral cresceram.

As providências destinadas a requalificar a mão-de-obra para adaptá-la a uma nova realidade de mercado são importantes. Uma maior flexibilidade na legislação trabalhista também é importante para estimular o emprego.

É evidente, entretanto, que uma melhoria geral e continuada nas condições do emprego e do salário sómente será possível com o crescimento sustentado da economia a uma taxa relativamente elevada (5% a.a. ou mais).

É para este patamar que a economia brasileira está caminhando, e é importante que essa trajetória pareça plenamente viável.

A principal restrição ao crescimento, as contas externas, tem apresentado um comportamento favorável (o déficit externo global parou de crescer e o déficit

... bastante
otimista
quanto ao
futuro do
Brasil

da balança comercial tem-se reduzido). O máximo empenho do Governo na remoção dos problemas que afetam a competitividade internacional dos produtos brasileiros é a chave para se abrir espaço para um maior crescimento da economia. A partir daí, será possível equacionar o problema do desemprego e facilitar o controle do déficit público.

Não é possível, por um passe de mágica, mudar o quadro do desemprego a curto prazo. A solução será necessariamente gradual, na medida que a atividade econômica cresça de forma sustentada.

Saber que este caminho existe já é, de qualquer modo, um grande conforto.

O problema do treinamento tenderá a ser solucionado, em boa parte, pelo próprio mercado, se a economia estiver crescendo e demandando novos contingentes de pessoal. As empresas ampliarão seus gastos com treinamento, as escolas responderão à demanda e o desemprego cairá.

ALBERTO FURUGUEM é economista, consultor de empresas e ex-diretor do Banco Central.